Vicente Sanches

Promissão do Quinto Império

teatro

MCMXCIV

Vicente Sanches

0000203369
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Promissão do Quinto Império

teatro

MCMXCIV

Este livro acabou de se
imprimir na Gráfica de
S. José, Castelo Branco,
em Janeiro de 1994.

PROMISSÃO DO QUINTO IMPÉRIO

TEATRO DE AFORISMOS: NUM SENTIDO LATO OU AMPLO DESTA FORMA TEATRAL. FORMA QUE — A DO TEATRO DE AFORISMOS — INICIEI. — E AGORA, AMPLIEI.

PARTE PRIMEIRA

Sobe o pano, e estão no palco, ou também na plateia, actores e actrizes; dizendo, — declamando:

— Quereis que vos conte a nova peça, — a nova *birra* de Vicente Sanches?

— Qual é?

— Protagonista: Miguel Afonso; trinta anos de idade. Condenado à morte por um cancro incurável: diagnosticado segurissimamente pela ciência dos melhores especialistas e dos melhores laboratórios.

— E como... se desenrola a história?

— Uma noite, às duas da manhã, Miguel Afonso está deitado na sua cama: só que, em vez de se encontrar a dormir, em sossego, nos braços de Morfeu, encontra-se a meditar, em desassossego, nos braços de uma insónia; ou a braços com uma insónia.

— E porque não toma morfina, que é mulher de Morfeu, e sossega maravilhosamente aqueles que a tomam... nos braços; ou lhe caem nos braços; ou como se queira dizer?

— Porque deseja manter-se lúcido.

— Ah, então a culpa é dele...

— A culpa, ou o mérito.

— Mas... para que deseja o homem manter-se lúcido?

— Para pensar na morte, a que foi sentenciado. Para pensar na escura morte — com clareza.

— Com clareza?

— Ou claridade. Para pensar no máximo possível de escuridão: a morte, com um máximo possível de claridade...

— Frase... um pouco à moda de Rembrandt...

— Tudo o que é Mistério... olhar sobre o Mistério... parece à moda de Rembrandt...

— E Miguel Afonso não tem medo de pensar na morte, — tão à beira, tão à beirinha dela?

— Tem muito medo. Só que esse medo é tão grande, tão extremo... que chega mesmo... ao extremo!

— A qual?

— Ao extremo... de tocar no outro extremo. Porque os extremos tocam-se. E assim, aquele medo cresce a ponto... de lhe acontecer o que já tem acontecido a medos semelhantes.

— Que raio... lhe aconteceu?

— Aconteceu-lhe... o seguinte raio: transfigurou-se de súbito em heroísmo.

— Deixou de ter medo?

— Continuou a ter medo: mas como os heróis o têm; ou como têm pecados os santos; (estes, segundo se diz, até sentem que têm pecados muito maiores que o comum das pessoas;) (e se calhar por isso é que são santos...)

— E que fez Miguel Afonso? Que acto de heroísmo praticou?

— Ele estava com um medo pavoroso, à ideia de que o seu corpo, o seu rico corpo, lho iriam meter qualquer dia no hotel sem estrelas do Cemitério; nesse hotel ordinaríssimo, sem cinco estrelas, sem quatro estrelas, sem três estrelas, sem duas estrelas, sem sequer uma única estrela; esse miserável hotel de zero estrelas!

— E essa ideia do Cemitério, que lhe incutia esse medo pavoroso...

— ...Foi justamente aquela que o impeliu — a fazer o que fez!

— Que fez ele? O que foi que ele fez?

— Levantou-se da cama, às duas horas da noite. Vestiu-se. Veio para a rua. E às duas por três... às duas... duas-e-meia da noite... Adivinhas? Adivinhaste?

— Parece-me que adivinho; mas nem acredito no que adivinho!

— Acredita: é verdade: Miguel Afonso — dirigiu-se ao hotel.

— Ao hotel... das zero estrelas?

— Ao hotel das zero estrelas.

— Ao Cemitério?!

— Ao Cemitério.

PARTE SEGUNDA

1

— Chegado ao Cemitério, Miguel Afonso chegou-se ao Cemitério — o mais possível: espreitou lá para dentro, chegando os olhos, chegando a cara, apoiando mesmo a testa às grades de ferro do portão.

2

— Nesse momento, mal ele apoia a testa às grades do portão, produz-se um fenómeno... que seria muito natural, se se produzisse num sonho!; mas que à primeira vista parece quase um bocadinho sobrenatural... quase um bocadinho milagroso... tendo-se produzido, como de facto se produziu, na realidade.

— O portão do Cemitério, que às duas horas da madrugada tinha obrigação de estar fechado à chave, quando Miguel Afonso lhe encosta de leve a testa, cede, abre-se como por magia... como por encanto...

3

— Mas evidentemente, evidentissimamente que escusa de se tratar de um fenómeno mágico ou milagroso; basta que o coveiro, por distracção, por bebedeira, ou por por acaso ter perdido a chave, — não haja fechado o Cemitério aquele dia.

4

— E Miguel Afonso entrou... e pôs-se a passear no Cemitério.

— A noite não estava boa, estava óptima: uma tépida noite de Agosto e de luar. A lua não estava cheia, estava cheiíssima. Lembrava uma caveira... especial: excepcional: paradoxal: impossível!: rechonchuda, bochechuda, bonacheirona, simpatiquíssima...

5

— E no seu passeio pelo Cemitério, a páginas tantas, ou a campas tantas, (as campas, pelo formato e inscrições, parecem páginas...) Miguel Afonso viu, descobriu... uma sepultura — sem sepultado!

— Mas não, não era um fenómeno sobrenatural: não era nenhum morto que esperneando e sapateando

conseguiu desobstruir a cova, para ir espairecer um momento, dar um giro, tomar um sorvo de ar... Não.

— Era simplesmente uma cova, que o coveiro abrira, destinada a alguém que morreu hoje, ou ontem mas bastante tarde, e se enterrava amanhã.

6

— Deteve-se Miguel Afonso alguns minutos pensativos ao pé da cova aberta... preparada... destinada...

— E depois, numa atitude muito estranha, — (sobre cuja motivação tanto e tanto no futuro se viria a especular), — Miguel Afonso deixou-se cair, descair, — devagarinho — com jeitinho — para dentro daquela sepultura.

— Mais: uma vez lá dentro, apanhou com ambas as mãos uma pouca de terra, e — como se fosse aquilo uma pouca de água — lavou a cara com aquilo; esfregou a cara com aquilo; lavou, lavou a cara com a terra.

— *Sujou!*, emendo eu; acho eu.

— Depende... das opiniões. Dos pontos de vista. Cada um tem os seus. Emendem, se quiserem.

Achem lá... emendem lá... opinem lá como vocês quiserem.

7

— Miguel Afonso deitou-se no fundo daquele pequeno buraco — ou daquele grande abismo — (opinem lá como vocês quiserem) — e de ali não via a lua; nem tantas estrelas como veria, se não houvesse luar. Mas mesmo assim, estrelas havia muitas: e via muitas!

— Afinal, aquele *hotel*... tinha muitas estrelas. Muito mais de cinco estrelas! Tinha quase... infinitas estrelas! Era um *hotel,* afinal, de imensíssima categoria.

— E sabe-se lá se os meus vizinhos dos *quartos* ao lado, — disse Miguel Afonso para os seus botões, — os mortos autênticos, apesar dos olhos fechados e tapados por espessa e opaca camada de terra, não vêem melhor, e não vêem mais — e mais e melhores estrelas do que estas?!

PARTE TERCEIRA

1

— Não lhe foi muito difícil, fisicamente, descer-

-se à sepultura. Mas doente como se encontrava, debilitado, fraco, fraquíssimo, claro que lhe era impossível, pelas suas próprias forças, subir... extrair-se... daquela profundidade.

— Assim, às nove e meia da manhã, quando o numeroso funeral do inquilino legítimo (daquela última moradia, ou última morada,) chegou ali, o funeral numeroso deparou com o corpo de Miguel Afonso estendido e adormecido a sono solto: — sonando e ressonando!: — porque afinal, a certa altura, naquele sítio bizarramente a insónia passou-lhe, dando até lugar a um sono pesadíssimo, — e enfim: o dorminhoco só acordou, quando o coveiro, indignadíssimo! — lhe mandou um berro tal — digamos mesmo: um berro talíssimo! — que nem uma trombeta do Juízo Final, — digamos mesmo: do Juízo Finalíssimo!

2

— Por um truque do Acaso, ou por um golpe da Providência, aquele funeral (que em nome do legítimo defunto desalojou Miguel Afonso da *lójea* onde se alojara) — era o funeral — do Director de um jornal.

— No fúnebre cortejo, (do Director do jornal), incorporavam-se, (como é natural,) jornalistas e